

# INTERVENÇÕES URBANAS ARTÍSTICAS EFÊMERAS: ALTERNATIVAS DE VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO BAIRRO CENTRO DE ARACAJU-SE

Luana da Silva Andrade<sup>1</sup>

Arquitetura e Urbanismo



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo a demonstração das intervenções urbanas artísticas efêmeras como forma alternativa de valorização do espaço, estabelecendo relações socioespaciais, quebrando a contemplação passiva e possibilitando ressaltar os usos e significados do espaço urbano. Para a concepção destas ações foram necessárias análises metodológicas sendo as primeiras voltadas para levantamentos fotográficos, demonstrando os espaços e seus usos, posteriormente, uma visita ao Arquivo Público de Aracaju para compreensão do passado aracajuano. A partir disto, o local de aplicação escolhido foi a rua João Pessoa no Centro de Aracaju/Sergipe, sendo determinada pela grande relevância histórica, visto que caracteriza o bairro mais antigo da cidade, e pelo grande uso populacional que busca neste espaço serviços e passatempos. Porém o estado atual demonstra uma desvalorização do urbano, sendo escasso o mobiliário e a arborização, possuindo imóveis abandonados, uma grande poluição visual, consequência dos inúmeros letreiros e intensa poluição sonora. É exposto no decorrer do trabalho análises do local, demonstrando seu estado atual e as consequências da desvalorização urbana. Visto isso, em combate a uma perda de potencial espacial, as micro resistências surgem como forma de demonstrar novos usos e proporcionar surpresas ao cotidiano, contrapondo-se a ideia de cidade espetáculo, contribuindo para o entendimento de novas formas de utilização do espaço urbano sendo feito do povo para o povo, divergindo das esperas de medidas governamentais tardias.

## PALAVRAS-CHAVE

Intervenção. Desvalorização. Artística.

## ABSTRACT

The work aims to demonstrate ephemeral urban artistic interventions as an alternative way of valuing space, establishing socio-spatial relationships, breaking passive contemplation and making it possible to highlight the uses and meanings of urban space. For the conception of these actions, methodological analyzes were necessary, the first of which focused on photographic surveys demonstrating the spaces and their uses and, later, a visit to the Aracaju Public Archive to understand the Aracaju past. From this, the place of application chosen was Rua João Pessoa in the Center of Aracaju - Sergipe, being determined by the great historical relevance, since it characterizes the oldest neighborhood in the city, and by the great population use that seeks in this space services and hobbies. However, the current state shows a devaluation of the urban, with little furniture and afforestation, with abandoned buildings, great visual pollution, a consequence of the numerous signs and intense noise pollution. It is exposed in the course of the work analyzes of the place demonstrating its current state and the consequences of the urban devaluation. Given this, in combating a loss of spatial potential, micro resistances appear as a way to demonstrate new uses and provide surprises to everyday life, countering the idea of a spectacular city, contributing to the understanding of new ways of using urban space. done from the people to the people diverging from the expectations of late government measures.

## KEYWORDS

Intervention. Devaluation. Artistic

## 1 INTRODUÇÃO

O urbanismo atual apresenta-se de com uma característica hegemônica, onde a própria cidade se torna um imenso parque de especulação imobiliária, tendo seus espaços valorizados para grandes corporações, empresas e mercado, em detrimento ao conforto e amabilidade urbana proporcionados ao cidadão. Como consequência, a população se torna insocial, tendo experiências cada vez mais vazias e sem contexto.

Exemplo disto é a Rua João Pessoa no Centro de Aracaju/SE, sítio histórico que vêm ao longo dos anos perdendo seu valor patrimonial e espacial, para grandes lojas varejistas, sofrendo abandonos e modificações urbanas. Essa perda é decorrente de fatores comuns em "cidades espetáculos".

Em Aracaju, isso ocorreu por conta das grandes expansões urbanas e especulações imobiliárias, na década de 1960. Este processo ocasionou uma ocupação de novas áreas, favorecendo esses espaços em detrimento do núcleo urbano inicial. O bairro anteriormente de uso residencial, passou a ter características fortes comerciais e mistas, gerando como consequência um processo de gentrificação.

Esta desvalorização como um espaço potencial urbano, arquitetônico e histórico gerou problemas espaciais e sociais, sendo os espaciais o próprio urbano, que apresenta grandes precariedades físicas em seu entorno e perde para os usuários não rotineiros seu potencial permanente, passando a ser somente um espaço destinado a serviços. Tendo também as desvalorizações sociais, visto que, estas mudanças acabaram tornando o espaço com poucos pontos atrativos, ou que fossem voltados aos usuários cotidianos e passageiros tendo como consequência uma população que se tornou espectadora.

O objetivo do trabalho em questão, sabendo-se dessa problemática tanto espacial quanto social, é a realização de uma intervenção artística efêmera no intuito de proporcionar o despertar da população para o espaço, tornando o ambiente atrativo, amável e não apenas de passagem para os usuários não rotineiros, possibilitando a quebra da contemplação passiva e a surpresa no cotidiano. É exposto, durante o trabalho os diferentes usos e apropriações espaciais, que auxiliam o entendimento da compreensão das ações que já ocorrem no espaço aplicado.

A justificativa da importância deste estudo é a demonstração de atitudes intervencionistas alternativas na cidade como forma de valorização sem, no entanto, a necessidade de grandes modificações urbanas, possibilitando ações rápidas, de menores custos e efetivas que consigam proporcionar relações socioespaciais sem, no entanto, expulsar os antigos usuários e integrá-los às práticas urbanas propostas.

Este trabalho encontra-se dividido, sendo o segundo item com o objetivo de demonstrar as teorias utilizadas neste trabalho, expondo as relações do homem com a cidade. No tópico seguinte, item 3, é apresentado o local de aplicação, mostrando sua atual situação e seus usos diários. Seguindo para o número 4 onde é explicada a concepção da micro-resistência e suas dificuldades para, assim, ser alcançado o item número 5 onde a intervenção e suas percepções foram expostas. Por fim, finalizando com as considerações finais com todas as contribuições e perspectivas do trabalho.

## 2 AS EXPERIÊNCIAS HUMANAS NAS CIDADES

Antes da realização de qualquer prática intervencionista em meio urbano, é necessário o conhecimento teórico que interliga o estudante aos conhecimentos da cidade e como ousar em modificar as relações urbanas cotidianas impostas e rotineiras. Por isto, o trabalho tem como principais teóricas Pâmella Mochiute e Paola Bereinstein, que possibilitam o entendimento da cidade e do homem em relação a práticas acionistas que jogam com o cotidiano.

A primeira teórica, Pâmella Mochiute (2017), demonstra que o homem moderno possui uma característica da "passividade corpórea" se tornando anestesiado ao mundo exterior, desconectando-se cada dia mais das experiências reais, carregando em seu interior características de isolamento fazendo com que as barreiras sociais e espaciais não sejam quebradas, necessitando de estímulos para que estas venham ocorrer.

Além disso, seu trabalho proporcionou um entendimento das intervenções no espaço público, demonstrando diferentes ações com diversos impactos e cada um com um objetivo específico, auxiliando no entendimento da quebra da contemplação e no projetar das projeções. Esta expôs que as intervenções urbanas trazem consigo uma resistência a essa espetacularização das urbes atuais, elas denunciam a negligência urbana, transformam a vida nas cidades e criam contatos entre as pessoas, por onde passam. Estas ações trazem novas ideias de percepção, de combate ao passear contemplativo, expondo cada vez mais a cidade à sua população, proporcionando experiências e sensações (MOCHIUTE, 2017).

Em Bereinstein (2009) é possível entender como a cidade espetáculo pode se tornar uma vilã do urbanismo moderno, empobrecendo as vivências corporais no espaço público, tornando as experiências vazias e escondendo as mazelas atuais. As relações humanas se tornam vagas e as experimentações da cidade se anulam. Por isso surgem as micro-resistências, como estratégias de combate a essa espetacularização da cidade. Além disso, auxiliou na compreensão da relação corpo- cidade, ao demonstrar a corpografia humana, seus sentidos no urbano atual e como as cidades perdem seus potenciais, adormecendo experiências sensíveis.

### 3 O PALCO DAS UTILIZAÇÕES URBANAS

Para a aplicação da intervenção e análise de usos foi escolhida, como citado anteriormente, a rua João Pessoa por conta de seu potencial histórico, a grande parcela de usuários e suas edificações e traçado de relevância arquitetônica e urbanística, visto estar situada na parte inicial de urbanização de Aracaju (NEUZA, 2009).

Apesar da preservação da paisagem urbana trazer resultados positivos, o que acontece no atual Centro é uma perda potencial de relevância arquitetônica histórica e, para antigos moradores, comerciantes e usuários eventuais, como um espaço de lazer. Os grandes letreiros comerciais se apropriam de diversas fachadas das edificações, resultando em imóveis sem identidade, além de imóveis apresentarem precariedade, apresentado na Figura 1.

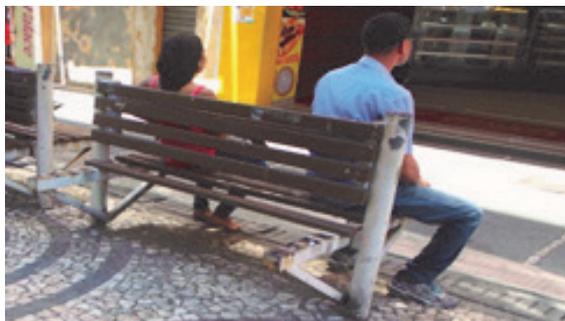
**Figura 1** – Situação das edificações na rua João Pessoa



Fonte: Autora (2019).

A falta de arborização, também de mobiliário escasso e precário, como mostrado na Figura 2, fazem com que o famoso calçadão seja prioritário para comércio e serviços. A população perde o interesse pela falta de espaços amáveis e receptivos no Centro, fazendo com que este cada vez mais seja encoberto por inúmeras informações visuais e a escassez de pontos de permanência.

**Figura 2** – Mobiliário público danificado



Fonte: Autora (2019).

As alternativas para que o estado atual que se encontra a Rua João Pessoa se modifique são diversas. Programas de proteção patrimonial criados pelo governo em conjunto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), uma análise de edificações históricas, a reestruturação do espaço, uma criação de mobiliários, a apropriação por meio de programas culturais artísticos, a proibição de fachadas invasivas e uma maior arborização podem ser um grande passo para a mudança.

Entretanto, é importante lembrar que estas alternativas só serão apropriadas caso validem as utilizações já referentes ao espaço pelos usuários presentes. Estes usuários englobam os próprios comerciantes, os pedestres passageiros, os moradores de rua, os artesões, residentes e outros usuários locais. Isto é importante ser ressaltado, pois não adianta possuir uma política de modificação urbana voltada para a criação de uma cidade publicitária, visto que, se isso marginaliza práticas existentes no local, expulsando os verdadeiros usuários em prol de uma venda de imagem para o público externo (ARANTES, 2002).

Existe a resistente ressalva deste aspecto, pois o centro aracajuano é um local de diversas práticas e usos do espaço, demonstrando as características do “urbanismo cotidiano” citado por Crawford (1999), onde é mostrado que estas atividades públicas são a vitalidade da cidade, unindo as vivências passageiras. Sendo assim, as vivências no calçadão são de diversas formas de apropriação, uma grande parte destas são os comércios informais como ambulantes, artesões e artistas de ruas, que buscam nas ruas da cidade maneiras informais de trabalho, demonstrado na Figura 3.

**Figura 3** – Comércio Informal

Fonte: Autora (2019).

É válido ressaltar que as práticas de apropriações urbanas não estão restritas ao comércio, mas estão interligadas como as formas de utilização do espaço, sendo estas de artesanato, serviços, de passagem ou de permanência, como os moradores de rua. A desigualdade social e econômica também se mostra presente na rua João Pessoa. Uma das andarilhas pertencentes e próprias do espaço é Maria de Lurdes, que frequenta o Centro aracajuano há muitos anos ficando apresentada abaixo na Figura 4.

**Figura 4** – Maria de Lurdes na porta da Igreja São Salvador

Fonte: Autora (2019).

É importante ressaltar que todas as práticas de uso devem ser consideradas relevantes para estudo, pois todas as apropriações são válidas. A realidade não deve ser mascarada de maneira a criar um espetáculo urbano que possa ser vendido somente como imagem publicitária.

[...] Está realmente aí a verdade do conceito de espetáculo fixado por Guy Debord: o espetáculo não é a exposição das imagens que ocultam a realidade. É a existência da atividade social e da riqueza social como realidade separada. [...]. (RANCIÈRE, 2012, on-line).

Existe uma gama de variedades de ações sociais que ocorrem no espaço urbano sendo estas as práticas artísticas, comerciais, moribundas e passageiras. Todas estas enriquecem o cotidiano e criam tensões e relações urbanas. As apropriações urbanas ocorrem de diversas formas, sendo uma das alternativas do despertar da população para o uso do espaço. Isto também gera as resistências urbanas, formas de utilização e combate a passagem passiva e a cidade espetáculo. As intervenções são formas de apropriações espaciais que buscam as modificações no cotidiano.

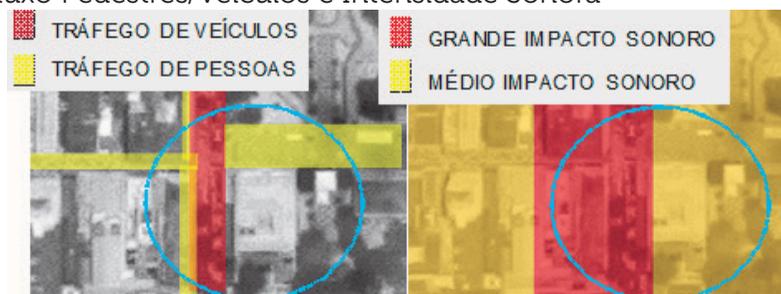
#### 4 A CONSTRUÇÃO DA MICRO RESISTÊNCIA

Para a realização das intervenções artísticas efêmeras existiu a necessidade de diversos estudos espaciais com o intuito de entender o espaço urbano onde seriam inseridas as ações. Isto possibilitou maior eficácia na escolha e no objetivo da proposta urbana. É mostrado por Fontes (2012), que o “urbanismo temporário” onde estas práticas seriam uma forma de pré-transformações no espaço, enquanto práticas efetivas e permanentes, não são postas em práticas.

A intervenção realizada no espaço levou o nome da “DançaArqui!”, por unir dança e meio urbano. A escolha dessa expressão artística tem como fundamento ser atrativo para quem passa, utilizando movimento e música. A dança possibilita uma gama de sensações espaciais e uso do local, explorando todos os sentidos e criando relações com o urbano. A arquitetura possui espacialidade assim como a dança. As duas podem e conseguem unir artes atuantes, misturando o corpo e a estrutura edificada (AKEMI, 2017).

O espaço escolhido foi a praça Fausto Cardoso, em frente ao museu palácio Olimpio Campos, próximo de um dos potenciais históricos de grande relevância para a história de Aracaju. Foi necessário pensar em uma intervenção que integrasse de uma grande forma com o espaço e com os usuários, visto que, a praça está localizada próxima às ruas com passagem de veículos e com grandes níveis sonoros. Portanto, a dança vem com o intuito de trazer uma grande quantidade de movimento ao espaço, já sendo atrativo pela quantidade de pessoas que estariam realizando. Em segundo, o som, que vem como forma de cortar a sonoridade repetitiva dos automóveis e anúncios publicitários.

**Figura 5** – Fluxo Pedestres/Veículos e Intensidade Sonora



Fonte: Google Maps, com acréscimos realizados pela autora (2019).

O tipo de dança escolhida foi o Pole dance. A preferência por esta expressão veio por não ser uma dança tradicional. Ela choca com a ordem vigente e o conservadorismo, representado tanto pela sociedade atual quanto pelo traçado ortogonal de um urbanismo inicial, trazendo ao cotidiano algo novo e surpreendente. Possibilita diversos usos espaciais horizontalmente e verticalmente, favorecendo maior visibilidade para ação. Além disso, faz com que a população conheça essa ramificação da dança, possibilitando a quebra de preconceitos e paradigmas existentes. A intervenção também proporcionou uma visão 360º da ação e a propagação de artistas locais deste ramo, fazendo com que esta expressão fosse mais divulgada, trazendo reconhecimento.

Todos estes fatores proporcionam a corpografia, que segundo Paola Berenstein (2008) é uma espécie de cartografia proporcionada pelo corpo humano, a experimentação da cidade. Isto resulta na corporalidade, que é a vivência do corpo na cidade e suas memórias. Ou seja, tudo que o homem descobre no espaço e prática fica gravado em sua memória física e sensorial.

Porém, apesar da prática da corpografia ter benefícios que englobam a cidade e a população, é visível a resistência dos poderes superiores em permitir o uso do espaço para o público. É fundamental a exposição da dificuldade de utilização do espaço público para a realização de intervenções. Para a tentativa de uso legal do espaço foi necessário entrar em contato com o órgão municipal Empresa Municipal de Serviços Urbanos (EMSURB), responsável pelos usos públicos da cidade em Aracaju.

Existiu uma grande resistência por parte do órgão em permitir a realização da intervenção por meio legal, existindo diversas negativas para a utilização do espaço. O protocolo de número 7391 e matrícula 6337, foram os segundos a serem solicitados, sendo indeferidos assim como os primeiros. As negativas a respeito da utilização do espaço público não utilizavam de justificativas explicativas ou de maneiras mais elaboradas, levantando diversos questionamentos sobre eles.

## **5 REALIZANDO A QUEBRA CONTEMPLATIVA**

É perceptível a resistência dos órgãos municipais ao uso do espaço urbano para atividades de apropriação sem fins lucrativos ou de benefícios de empresas privadas ou governamentais. Quando a apropriação acontece de forma popular, efêmera, de amabilidade ou, protesto as restrições, tornam-se diversas, tendo a necessidade das micro resistências, mostrado no item anterior, surgirem como forma subversiva ao sistema que impede a utilização da cidade com o povo e para o povo. Vistas as maiores problemáticas, a ação acabou acontecendo de maneira ilícita, sendo realizada em uma quarta feira a tarde, por ser um dos dias de maior utilização do centro pelos usuários, como é mostrado no gráfico.

**Gráfico 1** – Gráfico de Uso Diário

Fonte: Survio, autora (2019).

A intervenção teve duração de 2 horas, sendo 14h30 até as 16h30, foi necessário ajuda das fotógrafas Laize Correia e Ariel Costa para auxiliar no levantamento fotográfico da experimentação. Inicialmente as pessoas ao redor se mostraram relutantes e surpresas ao que estava acontecendo no espaço urbano e, aos poucos, começaram a se aglomerar nas sombras da parede do palácio Olímpio Campos e, também, os funcionários desta edificação saíram a porta para ver o que ocorria em frente ao espaço de trabalho, também aparecendo nas janelas, como é mostrado na Figura 6 com um dos artistas participantes Cesar Ribeiro.

**Figura 6** – Em frente ao Olímpio Campos

Fonte: Laize Correia (2019).

Por conta da intervenção, os usuários do centro da cidade começaram a se apropriar de espaços, que estavam sem uso. Um dos principais pontos foi a locação das hastes das bandeiras em frente ao museu. Este acabou se tornando um dos principais "bancos" para apreciação da performance, Figura 7. O ponto curioso é a permanência dos pedestres, pois, visto que o centro é considerado mais para serviços e comércio, estes pararam sua vida cotidiana e moderna para apreciação da arte na rua.

**Figura 7** – Pedestres sentados nas locações das hastes e no calçadão

Fonte: Ariel Costa (2019).

Outro ponto de ressalva é a locomoção dos moradores de rua que não se encontravam na chegada da ação, porém com o passar do tempo, passaram e observaram o que ocorria se deslocando para perto e apreciando o que estava acontecendo. Isto demonstra como a arte e as intervenções proporcionam e levam ao meio urbano o espetáculo apreciativo a todos os públicos, Figura 8.

**Figura 8** – Luana Andrade – Moradores de Rua que se locomoveram para apreciar a intervenção

Fonte: Laize Correia (2019).

A intervenção possibilitou diversas dinâmicas com os usuários, pois estes acabaram quebrando a contemplação e interagindo com a própria ação. Alguns dos pedestres interromperam para perguntar se poderiam registrar as poses e as danças. Existiram pausas para agradecimentos aos artistas por utilizarem e trazerem a arte ao espaço público e houve um andarilho que participou dançando ao lado da intervenção, mostrado nas Figuras abaixo.

**Figura 9** – Agradecimentos e Interação

Fonte: Autora (2019).

Entretanto reações inesperadas e negativas também surgiram. Houve um comentário negativo sobre a intervenção, feito a um dos espectadores que defendeu a intervenção e apropriação. Outro problema encontrado durante a realização foi a soltura da base com a barra, gerando frouxidão no instrumento, atrapalhando e causando alguns pequenos escorregões durante a apresentação, exemplificado pela Figura 10.

**Figura 10** – Camila Rodrigues - Soltura da Base

Fonte: Cesar Ribeiro (2019).

Existiram comentários negativos e preconceituosos sobre a ação realizados por uma moça a um dos espectadores, porém, as reações positivas e curiosas se sobressaíram muito além sobre estas, demonstrando o desejo do povo em ver as artes nas ruas, em se sentir acolhido e ter espaços amáveis e de compartilhamento de sensações.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão teve como objetivo realizar uma intervenção artística efêmera, criando também projeções imaginativas, no espaço da rua João Pessoa, localizada no Centro na cidade de Aracaju. Este, teve o intuito de realizar a quebra da contemplação passiva da cidade pela população, levando a arte do Pole Dance para a rua. Isto, foi reflexo dos estudos realizados durante o processo, em que o espaço urbano atual se encontra desvalorizado, diminuindo toda sua potencialidade em contexto patrimonial e espacial. A intervenção foi criada a partir de diversos estudos do ambiente proposto, observando o público para quem seria disposto e o objetivo para ser alcançado. O cenário escolhido auxiliou na valorização tanto do conceito histórico arquitetônico quanto da importância da inserção de práticas que valorizem o conceito de lugar na cidade.

A intervenção urbana realizada pôde proporcionar uma vasta abrangência de reações e estudo. Observando, do ponto de vista social, esta proporcionou o fator de surpresa ao cotidiano da população, criando espaços receptivos e atraídos onde a conexão entre cidade-pessoa aumenta, surgindo a amabilidade urbana. Para o público, as intervenções são uma forma de trazer relações espaciais, criando conexões entre pessoas.

Estes significados das micro resistências para os usuários do centro podem proporcionar transformações sociais e urbanas. A partir da demonstração do uso do espaço para a arte e apropriação, se repetidas vezes, acaba gerando na própria população o acolhimento e pertencimento na cidade e, com isto, possibilita que estes iniciem seus próprios processos de apropriação, levando a arte, o trabalho e o lazer, tornando a cidade cada vez mais pessoal e sociável.

Durante a realização deste trabalho podem ser adquiridos diversos níveis de aprendizagem. O aumento do conhecimento sobre a relação de corpo-cidade era, inicialmente, desconhecido. A forma de estudo e aplicação, a complexidade de se fazer uma intervenção, possuindo todos os leques de conhecimento do espaço, o público alvo e a motivação da ação gerou uma compreensão que antes não possuía.

Além dos conhecimentos adquiridos durante o processo, foi possível a acumulação de experiências. Em algumas etapas durante a faculdade, pude realizar algumas intervenções, porém, nada se iguala a que foi realizada durante a produção deste trabalho. A realização da intervenção proporcionou uma experiência singular no espaço e, socialmente, nunca possui a experiência própria de corpo-cidade-ação, possibilitando ter a sensibilidade tanto de usuário quanto de realizador de uma ação efêmera.

A contribuição do trabalho foi além do esperado. O objetivo de quebrar a contemplação passiva, despertando o espectador para o meio vivente foi alcançado, como foi mostrado pela receptividade da população e a permanência no espaço urbano. Visto isso, é possível comprovar que pequenas intervenções urbanas de cunhos artísticos, efêmeras e de baixo custo podem modificar a percepção do urbano, criar relações espaciais e sociais, proporcionando surpresas urbanas a um cotidiano monótono em uma cidade espetáculo.

## REFERÊNCIAS

AKEMI, Thais. **Arquitetura e dança: O movimento do corpo no espaço**. 2017. Dissertação (Mestrado de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <https://issuu.com/thaisakemitada/docs/finally>. Acesso em: 16 out. 2019.

BEREINSTEIN, Paola. **Corpografias urbanas**. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 16 out. 2019.

BEREINSTEIN, Paola. **Notas sobre espaço público e imagens da cidade**. 2009. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>. Acesso em: 31 out. 2019.

BEREINSTEIN, Paola. **Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo?** Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1368/1/3229-7519-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2019.

FONTES, Adriana Sansão Fontes. **Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea**. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/viewFile/arq.2012.81.05/879>. Acesso em: 13 out. 2019.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: Edufba 2012.

MOCHIUTE, Pâmella. **Práticas do dissenso: intervenções artísticas nos espaços públicos**. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

NEUZA, Dora. **Aracaju: a construção da imagem da cidade**. 2009. Dissertação (Mestrado de Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, São Paulo, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora São Paulo, 2012.

---

**Data do recebimento:** 9 de maio de 2020

**Data da avaliação:** 29 de setembro de 2020

**Data de aceite:** 29 de setembro de 2020

---

1 Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tiradentes – UNIT.

E-mail: luana0andrade96@gmail.com

